

Nem dirão: vede aqui ou vede ali, pois o reino de Deus está dentro de vós.

Lucas 17:21

Edificação do reino

Nem na alegria excessiva que ensurdece.

Nem na tristeza demasiada que deprime.

Nem na ternura incondicional que prejudica.

Nem na severidade indiscriminada que destrói.

Nem na cegueira afetiva que jamais corrige.

Nem no rigor que resseca.

Nem no absurdo afirmativo que é dogma.

Nem no absurdo negativo que é vaidade.

Nem nas obras sem fé que se reduzem a pedra e pó.

Nem na fé sem obras que é estagnação da alma.

Nem no movimento sem ideal de elevação que é cansaço vazio.

Nem no ideal de elevação sem movimento que é ociosidade brilhante.

Nem cabeça excessivamente voltada para o firmamento com inteira despreocupação do valioso trabalho na Terra.

Nem pés definitivamente chumbados ao chão do planeta com integral esquecimento dos apelos do Céu.

Nem exigência a todo instante.

Nem desculpa sem fim.

O reino divino não será concretizado na Terra pela prática de atitudes extremistas.

O próprio Mestre asseverou-nos que a sublime realização está no meio de nós.

A edificação do reino divino é obra de aprimoramento, de ordem, esforço e aplicação aos desígnios do Mestre, com bases no trabalho metódico e na harmonia necessária.

Não te prendas excessivamente às dificuldades do dia de ontem, nem te inquietes demasiado pelos prováveis obstáculos de amanhã.

Vive e age bem no dia de hoje, equilibra-te e vencerás.

(*Vinha de luz*. FEB Editora. Cap. 177)

Alvorada do reino

Disse-nos Jesus:

“O reino de Deus está dentro de vós”.

Que interpretação devemos dar à semelhante afirmativa? Se o reino de Deus está dentro de nós, por que as práticas religiosas para encontrá-Lo? Perguntam-nos muitos amigos.

As práticas religiosas respeitáveis são sempre valioso trabalho para que venhamos a desentranhá-lo das sombras que conhecemos sob os nomes de “vaidade”, “orgulho”, “crueldade”, “ódio”, “indiferença”, “egoísmo”, “indisciplina”, e “inconformação” — sombras que nos envolvem o sentimento, ao modo do cas-

calho que encerra o diamante.

Comparemos os prenúncios do reino de Deus em nós com a alvorada de cada dia.

O Sol que nos sustenta não aparece de jato no firmamento. Na escuridão das primeiras fases da madrugada começam a surgir aberturas róseas de luz, aqui e ali, quando não estejam sob o peso de nuvens que lhes ocultam temporariamente a beleza.

O processo de liquidação das trevas é sutil e vagaroso.

Os núcleos luminosos, somente a pouco e pouco, aumentam em brilho e número, até que as sombras, necessariamente extintas, abandonem os Céus, para que o Sol resplandeça e alimente todas as vidas que evoluem na Terra.

Assim também nós, sob a carapaça das imperfeições e defeitos, adquiridos em múltiplas estâncias de trabalho e experiência, com o esforço de auto aperfeiçoamento que as revelações religiosas nos oferecem, vamos criando forças de libertação com as quais surgem os primeiros clarões de vida nova, em meio das sombras que ainda se nos adensam no campo íntimo,

em forma de faltas e desacertos porque, atravessando dificuldades numerosas, vamos, assim, multiplicando os valores espirituais em nós mesmos, rejubilando-nos com os pontos de luz interna que vamos adquirindo, até que os nossos nevoeiros se desfaçam e podemos usufruir as irradiações do reino de Deus, em nós próprios, identificando-nos com a Imortalidade em plena luz.

(*Alvorada do reino*. Ed. IDEAL. Prefácio – “Alvorada do reino”)

Céu

Aflitiva e longa tem sido a nossa viagem multimilenária, por meio da reencarnação, a fim de que vênhamos a entender o conceito de Céu.

Entre os chineses de épocas venerandas, afiançávamos que a imortalidade era a absoluta integração com os antepassados.

Na Índia bramânica, admitíamos que o Éden fosse a condição privilegiada de alguns eleitos na pureza intocável dos céus.

No Egito remoto, imaginávamos que a glória, na esfera espiritual, consistisse na intimidade com os deuses particulares, mesmo quando se mostrasse positivamente cruéis.

Na Grécia antiga, supúnhamos que a felicidade suprema, além da morte, brilhasse no trono das honrarias domésticas.

Com gauleses e romanos, incas e astecas, tínhamos figurações especiais do paraíso e, ainda ontem, acreditávamos que o Céu fosse região deleitosa em que Deus, teologicamente transformado em caprichoso patriarca, vivesse condecorando os filhos oportunistas que evidenciassem mais ampla inteligência no campeonato da adulação.

De existência a existência, entretanto, aprendemos hoje que a vida se espraia, triunfante, em todos os domínios universais do sem-fim; que a matéria assume estados diversos de fluidez e condensação; que os mundos se multiplicam infinitamente no plano cósmico; que cada Espírito permanece em determinado momento evolutivo e que, por isso, o Céu, em essência, é um estado de alma que varia conforme a visão interior de cada um.

É por esse motivo que Allan Kardec pergunta e responde:

— Nessa imensidão ilimitada, onde está o Céu? Em toda parte. Nenhum contorno lhe traça limites. Os mundos superiores são as últimas estações do seu caminho que as virtudes franqueiam e os vícios interditam.

E foi ainda por essa mesma razão que, prevenindo-nos para compreender as realidades da natureza no grande porvir, ensinou-nos Jesus claramente: “O reino de Deus está dentro de vós”.

(*Justiça divina*. FEB Editora. Cap. 24)

Lugares de expiação

Múltiplas são as conceituações dos infernos extei-riores.

Para os hindus de várias legendas religiosas da Antiguidade, a região do sofrimento, para lá do se-pulcro, dividia-se em dezenas de seções nas quais os Espíritos culpados experimentavam os martírios do

fogo e da asfixia, dos botes de serpentes e aves faméli-cas, de venenos e martelos, lâminas e prisões.

Entre os chineses, acreditava-se que os condena-dos, após o decesso, atravessavam privações e tortu-ras até caírem, exaustos, numa espécie de segunda morte, com o suposto aniquilamento do próprio ser.

Egípcios empregavam aparatosos regimes de cor-rigenda para os mortos que fossem implacavelmente sentenciados a penas aflitivas sob as vistas de Anúbis.

A crença popular grega admitia a existência de abismos insondáveis, Além-túmulo, onde os maus eram atormentados por agonias cruéis.

E, seguindo por vasta escala de concepções, a Te-oalogia relaciona infernos hebraicos, persas, romanos, escandinavos, muçulmanos e ainda os que são até hoje perfilhados pelos diversos departamentos da ati-vidade cristã.

Não ignoras que os sistemas de castigo, men-talizados para depois da morte, obedecem às idio-ossincrasias de cada povo, apresentando, por isso, variedades multiformes. E sabemos igualmente, em Doutrina Espírita, que existem outros infernos exter-i-

ores a cercar-nos na Terra entre os próprios Espíritos encarnados.

Não longe de nós, vemos o inferno da ignorância, em que se debatem as inteligências sequiosas de luz, o inferno das necessidades primárias absolutamente desatendidas, o inferno dos entorpecentes, o inferno do lenocínio, o inferno do desespero e o inferno das crianças desamparadas, todos eles gerando os suplícios da sombra e da loucura, do pauperismo e da enfermidade, do abandono e da delinquência.

Em razão disso, embora respeitando as crenças alheias, observemos as próprias ações, a fim de verificar o que estamos fazendo para extinguir os infernos que nos rodeiam.

E, sobretudo, aprendendo e servindo, vigiemos o coração para que a prática do bem nos garanta a consciência tranquila, uma vez que todos somos responsáveis pela nossa própria condição espiritual.

Disse-nos o Cristo: “O reino de Deus está dentro de vós”, ao que, de acordo com ele mesmo, ousamos acrescentar: “E o inferno também”.

(*Justiça divina*. FEB Editora. Cap. 77)

Encontro de paz

Leitor Amigo.

Frequentemente, anseias por segurança e tranquilidade, no entanto, é forçoso não esquecer que paz e estabilidade estão em ti e se irradiam de ti.

Se o tumulto te rodeia, envia pensamentos de harmonia aos que se emaranham nele, desejando-lhes reajuste.

Ante conflitos que surjam, silencia projetando vibrações de entendimento a quantos se lhe fazem vítimas, aspirando avê-los repostos na luz da fraternidade.

À frente de companheiros entregues à desesperança, imagina-te a envolvê-los em serenidade, rearticulando-lhes o otimismo e a esperança.

Perante o desequilíbrio de alguém, auxilia a esse alguém com os teus votos íntimos de recuperação e repouso.

Se te vês ao lado de um enfermo, detém-te a meditar em melhora e restauração, augurando-lhe saúde e alegria.

Diante de irmãos abatidos e tristes, canaliza para eles as tuas mais amplas ideias de reconforto.

Quando ouvires uma pessoa imatura ou portadora de conversação menos feliz, busca socorrê-la sem palavras, encaminhando-lhe mensagens inarticuladas de compreensão e simpatia.

Se te recordas de amigos ausentes, mentaliza apoio e bondade, relativamente a eles, a fim de protegê-los e animá-los na execução dos compromissos que abraçam. [...]

Sabemos suprimir de sentimentos, ideias, atitudes, palavras e ações tudo o que se relacione com ressentimento, perturbação, ódio, azedume, amargura ou violência e, trabalhando e servindo no bem de todos, procuremos agir e pensar em paz, doando paz aos que nos compartilham a vida.

O reino dos Céus é luz de amor em refúgio de paz e não nos será lícito olvidar que Jesus, a cada um de nós, afirmou, convincente: “Não procures o reino de

Deus aqui ou além, porque o reino de Deus está dentro de ti”.

(*Encontro de paz*. Ed. IDE. Prefácio – “Encontro de paz”)

Reino divino

“Quando se vos disser que o reino de Deus está aqui ou ali não acrediteis, porque o reino divino não surge com aparências exteriores...”

Semelhante conceito do Cristo exorta-nos ao imperativo da iluminação interior para que o nosso coração não se tresmalhe na sombra.

Habitualmente, exigimos dos outros determinadas rotas de ação, qual se nos assistisse o direito de fazê-los caminhar com os nossos pés.

Cristãos de outras interpretações do Evangelho, reclamamos de pastores humanos a salvação de nossas almas e quando espíritas, aguardamos que médiuns e benfeiteiros nos exonerem da responsabilidade de trabalhar e sofrer em nosso próprio aperfeiçoamento.

mento.

É por isso que as falsas profecias proliferam com tanta intensidade nas escolas cristãs, multiplicando as legiões de espíritos sofredores a se desvairarem no desespero, depois da morte.

É que nós mesmos, quase sempre receosos da própria consciência, buscamos oráculos que nos engodem a mente com sugestões imaginárias, acerca de méritos que estamos longe de possuir, auxiliando-nos a fuga calculada da áspera região em que se nos configuram os deveres maiores.

Reconhecemos que o reino celeste se encontra em estado potencial no íntimo de todas as criaturas e que somente construindo-o em nós e desdobrando-o, a dentro de nós mesmos, é que alcançaremos a chave da grande compreensão a investir-nos na posse da grande Luz.

Nesse sentido, é justo recordar que o divino Mestre não apenas traçou o asserto que nos serve de apontamento ao estudo e sim que lhe viveu a expressão mais profunda, aceitando, sem reclamar, as lutas e as dores que lhe foram impostas, padecendo por au-

xiliar e angustiando-se sem merecer, ensinando-nos, porém, a receber com valor as cruzes que nós mesmos talhamos para atingir, em plenitude de alegria e vitória o terreno seguro de nossa suspirada ascensão.

(*Viajor*. Ed. IDE. Cap. 10)

No portal da luz

Aspiras à posse do conhecimento espírita evangélico?

Iniciemos o aprendizado pela reforma íntima.

Disse Jesus: “O reino de Deus está dentro de vós”. Descobri-lo e estabelecer as vias de acesso para alcançá-lo depende de nós.

Será justo suplicar o socorro de Deus nas horas de aflição e construir a existência como se Deus não existisse?

Ergamos a fé raciocinada, principiando pela base do dever cumprido, de modo a que não nos falte a paz de consciência.

Em seguida, enxerguemos a nós mesmos.

Se vens da província obscura da negação, procura discernir a verdade, para perceberes a divina Sabedoria que te rodeia em toda parte e começa a jornada, no rumo da Espiritualidade maior.

Se procedes do distrito superado de outras crenças que não mais te satisfazem as exigências da alma, busca o entendimento de ti mesmo, de modo a prosseguires na ascensão à Vida superior.

Jamais aniquilar o tesouro das horas com discussões estéreis.

Se te reconheces com *necessidade de mudança espiritual*, atingiste nova faixa de madureza para a grande compreensão.

Cada fruto aparece no tempo adequado.

Contempla a vida em torno com a visão mais ampla de que dispões agora e ama cada ser e cada coisa no lugar em que se encontram e, enquanto lhes ofereças auxílio incessante, age sem a preocupação de

alterá-los.

Consagra-te, acima de tudo, à edificação do reino interno. Entretanto, se o anseio de perfeição te aquece com veemência, recorda que Deus nos esperou até hoje o impulso de melhoria e, cooperando com a Providência divina para o bem de todos os nossos irmãos, é urgente reconhecer que nenhum de nós sabe ou pode amá-los mais do que Deus.

(*No portal da luz*. Ed. IDE. Cap. 1)

Reino de Deus⁵⁷

(*Neste instante*. Ed. GEEM. Cap. “Reino de Deus”)

⁵⁷ N.E.: Vide nota 12.